



Os italianos na guerra

Uma bateria desfilando por uma estrada militar nas montanhas do Carso

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 2\$400

Semestre 1\$200. Trimestre 600, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregador
acresce o importe das despesas

Extrangeiro—Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis

As Igrejas

fornecem-se da

CASA MONTEIRO BORGES

Ruas do Sol e Batalha--PORTO

por ser a mais completa no seu genero

Ornamentos d'Egreja
Titulo da Casa Monteiro Borges



Escultura Religiosa em madeira
Titulo da Casa Monteiro Borges

IMAGENS — PARAMENTOS — ALFARIAS

Monteiro Borges — PORTO

Quem imita e ta casa reconhece-lhe a superioridade

A imprensa

Imagens religiosas

Uma nova officina de esculptura

Assistimos, ha dias, á inauguração de uma nova officina de esculptura de imagens religiosas. Monteiro Borges, o trabalhador infatigavel, e que tem o seu nome ligado ao estabelecimento completissimo de artigos de paramentaria, situado no angulo das ruas do Sol e Batalha, acaba de montar a sua officina de esculptura que, em verdade, nada deixa a desejar.

Alli fomos a ver esse novo esforço de intemerato e honrado paramenteiro qua, d'agora em diante, se encontra habilitado a executar, tão rapidamente quanto o permite o cuidado que merecem, não só a esculptura como a pintura, as imagens de que, constantemente, lhe fallam os seus numerosissimos clientes. A nova officina, que abre para a rua da Batalha, é ampla e arejada: duas largas «vitrines», e uma portada magnifica espalham no «atelier» a luz de que carecem os artistas que alli trabalham. E lá os vimos, sob a direcção do seu chefe, o sr. Americo de Sousa Oliueira Maia, trabalhando, afanosamente, na execução das primeiras encomendas, e na qual punham uma attenção digna de notar-se; o desejo ardente de elevar, ao nivel das outras, a nova officina de Monteiro Borges. E vimos tambem a secção de pintura, onde o sr. Francisco Alves da Costa, que é, incontestavelmente, um grande artista, dava os ultimos a uma formosissima imagem de Nossa Senhora de Lourdes.

Alli tivemos occasião de examinar algumas esplendidas telas, e a que o lançamento das figuras e a distribuição admiravel das cores, nos obrigam a chamar deliciosas. E' um grande artista, não haja duvidas, o sr. Francisco Costa, e ha-de honrar sobremaneira todos os trabalhos sahidos da nova officina de Monteiro Borges. Com tão bellos artistas, com a boa vontade que em todos divisamos, com a actividade de que dispõe o nosso amigo Monteiro Borges, as suas qualidades de trabalhador activo e honrado e a sua delicadeza, é facil de prever que a nova officina de esculptura de imagens religiosas com que o Porto acaba de ser dotado, va engrangear enormes sympathias e, por consequencia, e dentro em breve, mais uma bella e justa fama.

Agradecemos a Monteiro Borges a gentileza com que nos recebeu e dando os parabens a todos os seus operarios, especializando os chefes, saudamos a distincta florista D. Florinda Pereira Lopes, directora da respectiva secção, e que tão lindas e mimosas flores sabe executar.

Da «Liberdade»



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

—OCC—

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTBADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

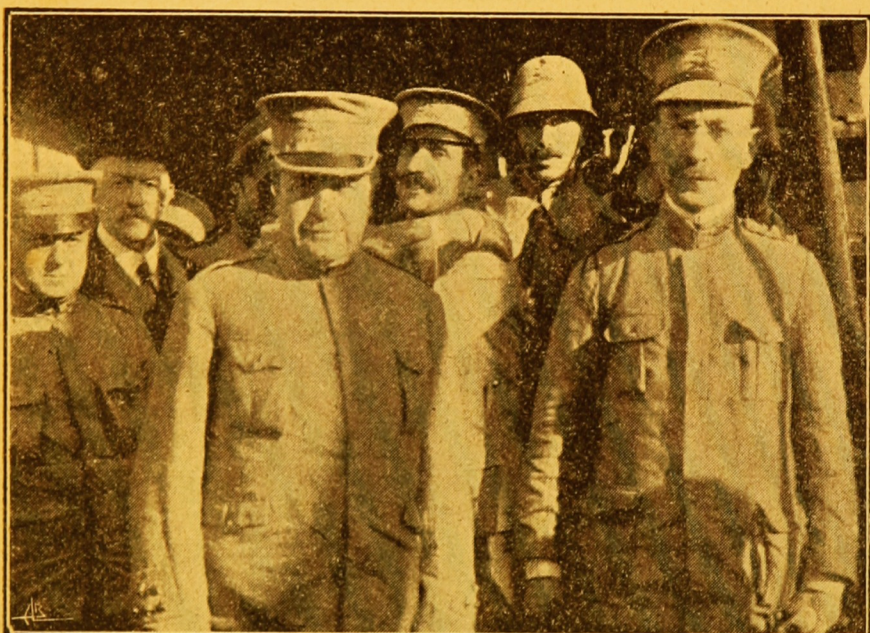
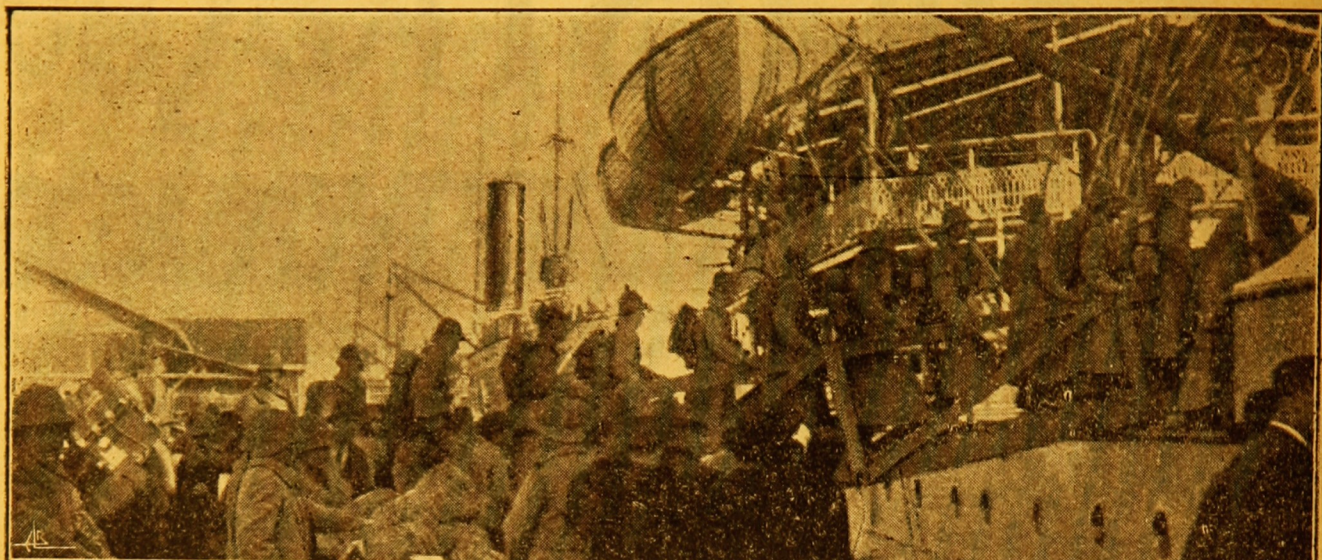
Braga, 27 de Janºiro de 1917

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 187—Anno IV



A Senhora Dona Augusta Victoria, esposa do Senhor D. Manuel II,
que tem sido durante esta guerra
incansavel enfermeira da cruz vermelha n'um hospital em Londres.



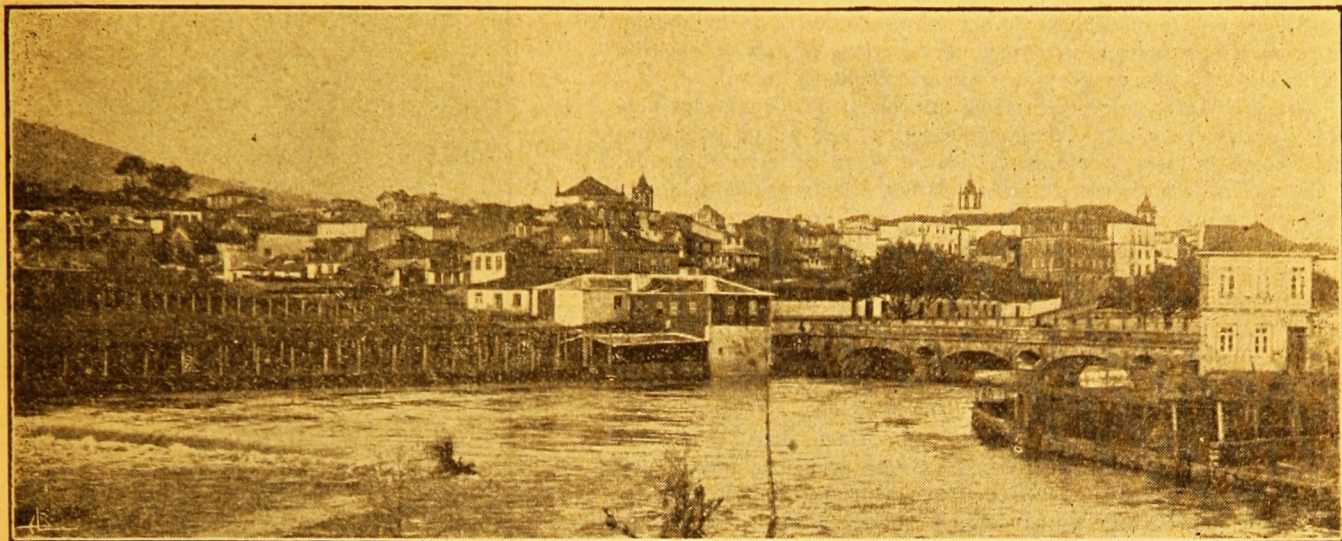
As tropas embarcando para bojo do paquete «Portugal»

O snr. ministro da guerra eom o tenente-coronel Macedo commandante do batalhão d'infantaria 29 antes do embarque

O «Portugal» levantando ferro.

(Publicação auctorizada pelo snr. ministro da guerra.





Uma vista dos Arcos de Val de Vez

Arcos de Val de Vez

O seu nome relembra um grande feito da nossa historia.

A batalha de Val de Vez, em que D. Affonso Henriques derrotou heroicamente o exercito leonez.

Foi elevada a categoria de villa por D. Manuel I e elevada a condado por Filippe III em favor de D. Lourenço de Brito e Lima.

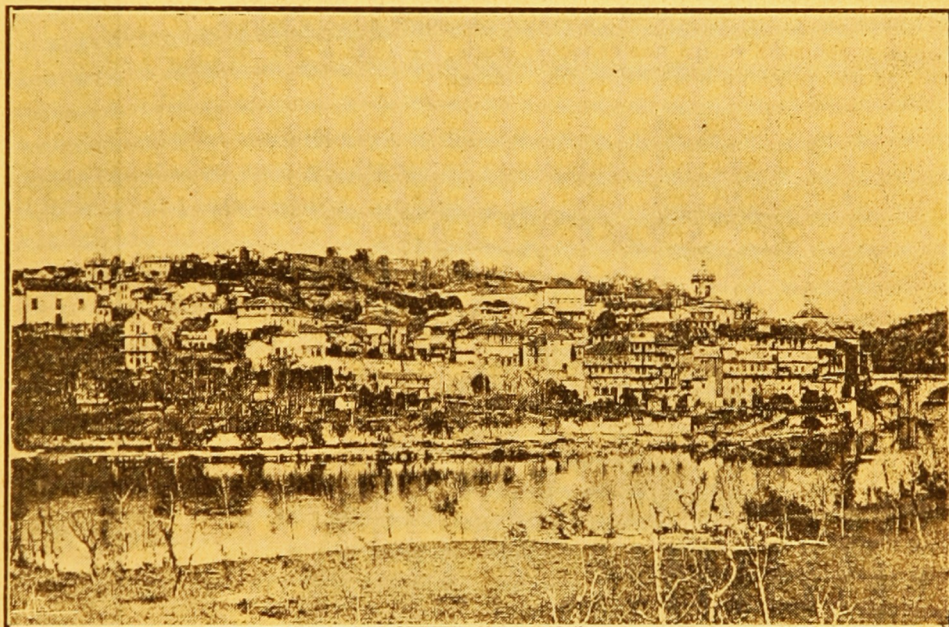
Está situada no centro de provincia do Minho.

Amarante

Esta villa, situada na provincia do Douro, crê-se fundada por os turdulos (560 annos antes de Christo).

E' banhada pelo Tamega e tem uma ponte sobre elle, que durante a invasão dos francezes e na ultima guerra civil foi heroicamente defendida.

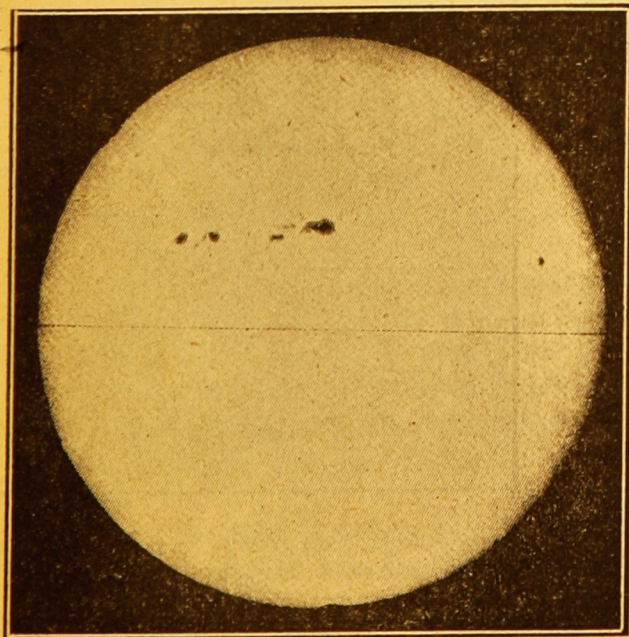
Atribue-se a construção das boas condições de defesa aos ro-



Amarante—Vista da margem esquerda do Douro

manos e de novo reedificada por S. Gonçalo.

Nasceu nesta villa o notavel patriota João Pinto Ribeiro um dos principaes conspiradores de 1640.



As manchas solares

Observando o disco do astro-rei em circunstancias proprias, e por meio de vidros preparados, encontram-se no seu brilhante campo, manchas escuras, manchas negras. Observou-se por meio d'ellas a rotação do astro, e tambem se verificou que não são constantes, mas sim resultado de desconhecidas causas variaveis.

Foi um jesuita—vejam lá, um jesuita!—quem primeiro encontrou essas manchas do sol, suppondo que fossem satellites que interpussem sua sombra. Devido ao pequeno alcance das lunetas confundiu as manchas com a passagem de planetas sobre o disco solar, que ás vezes se observa!

Gallileu suppoz nas manchas nuvens fluctuando sobre a athmosphera luminosa. Levou-o a isso a irregularidade da conformação das manchas e o apparecimento irregular tambem comquanto se pretenda modernamente que é cyclico.

Photographia do sol, obtida no observator o de Madrid

Lalande suppoz que as manchas fossem cumes de montanhas que energissem da athmosphera incandescente.

Derham considerou-es volcões solares, no que não andou muito longe da verdade.

Secchi, o director do observatorio Vaticano, fez da photosphera, isto é da athmosphera de luz solar, estudos o mais completos possivel e, guiado pelas ultimas descobertas, Wilson demonstrou que as manchas são rasgões na superficie brilhante do sol.

Para comprehender claramente esta delinição, deve-se ter presente que o sol, em estado de incandescencia, não é uma bola compacta, como se fosse, por exemplo, uma esfera de ferro abrazada. É um nucleo de materias, pesadas e fortes, e trabalhadas pela presença de corpos radiactivos. Os gazes que se produzem continuamente, elevam-se tumultuantes, e se inflammam nas regiões superiores da athmosphera solar, agitada por incessantes turbilhões de incandescente lava. Essa a origem de pontos ou borbotões mais brilhantes, a que chamam fâculas. Noutros pontos ou que brote mais violento o cachão de gaz, a ponto de se não inflammam, ou que se abata a superficie da capa gazosa, ha soluções de continuidade no oceano de gazes inflammados; são as manchas.

O presente anno de 1917 va ser importantissimo nesse estudo, porque é de grande actividade solar. Nos primeiros dias de Janeiro foram observadas as manchas que reproduzimos em photographia do Observatorio de Madrid. A maior das manchas occupa nada menos de 78.980 kilometros, vasto espaço onde podiam precipitar-se seis Terras como a nossa.

Prenuncio de morte são essas manchas que obscurecem algum ponto da face do sol. Tempo virá, ainda que seja muitos seculos para alem, que as manchas prevalecerão sobre a luz, o astro-rei, frio, e apagado, rolará nos espaços, inerte, se antes á voz de Deus, se não precipita n'um cataclysmo sideral.

R. C.



Antonio José Gonçalves de Moraes

Negociante muito conhecido e estimado na cidade do Porto, fallecido ultimamente, natural da freguezia de Rosas, concelho de Vieira,



Ampliação da zona central do sol, vendo-se as grandes manchas agora ebservadas

CHRONICA DA SEMANA

Uma noite...

Acabava de chegar ao theatro de Guimarães, jantado, prompto a bradar á assembleia que totalmente o preenchia, umas quantas palavras de avigoroamento salutar, de entusiastico fervor por uma obra que repulo a mais necessaria de quantas carece a vida e o futuro da nação.

Talvez consequencia da minha maneira de agir eu dou a todas as affirmações, a que só por euphemismo chamariam discurso, um tom de urgencia que a muitos me figurará como apressado. Uma acção intensa imprime sempre a uma vida um ar agitado, cheio de *é precisos*, como que de commandos. E por muito longe que vogue o meu espirito, por muitas considerações que o desviem do thema principal, sempre quasi instinctivamente ao escrever qualquer coisa para recitar a um auditorio catholico, a mesma ancia de organização me acicafa os nervos, me absorve e finalisa os periodos.

... Ora n'aquelle noite, quando eu ia a tomar o folêgo oratorio a caminho do tablado, approximou-se de mim um excellente camarada, typo nervoso, sêcco, de rapaz e disse-me estas palavras:

— «É escusado; o administrador acaba de prohibir a conferencia.»

Dito e feito... Manda quem pôde. Apresentaram-me de tarde quem podia: um rapazêlho! Vestido de preto, lunetas, face arredondada, um buço mal tentado, ar concentrado de quem tem culpas, e uma pasta de couro preto debaixo do braço.

—O Marianno... , segredaram.

E era com o effeito, o Marianno, aquelle cujo nome eu lia a cada passo nas gazetas, apontado com a mesma admiração que as creanças contemplam os ursos dos zingaros nas praças dos villorios, dançando lentos, pesados, ao som das pandeiretas ou d'um velho cornetim, e a rufos de tambor.

Era o Marianno! E Marianno é o poder occulto de Guimarães. Todas as violencias partem da sua ideação, mas Marianno, quando veem junto da sua omnipotencia, a reclamar contra ellas, Marianno diz sempre, *não fui eu; foi a auctoridade*,—como aquelle menino esperto ao perguntar-se-lhe quem fizera o mundo, ou quem *se esquecêra* na sala deante das visitas. E se batem á porta da auctoridade, esta responde: *não fui eu, vão ter com Marianno*,...

Eu conheço de ha seis annos para cá uma notavel galeria de Mariannos, todos do mesmo feitio, todos do mesmo estôfo. Quasi todos elles estão amesendados em chourudas prebendas, criando obesidades, vivendo a tranquidade dos *arrivistas* que triumpharam. O de Guimarães, a proseguir nas suas operações, terá o mesmo premio... Tem direito a isso.

Eu tive de informar a assistencia de que não se realizava o sarau. E querem saber os Mariannos do paiz, a resposta da assembleia: uma risota.

E' que por muito severos sobrecenhos, que as auctoridades apresentem, hoje as suas prepotencias cahem em pleno ridiculo.

Poucos, muito poucos se exaltam. Não vale a pena, Nenhumas exaltações conseguem já deter a sequencia fatal dos acontecimentos portuguezes. Não vale a pena. Na vida dos povos como na dos individuos, ha momentos em que se torna facil rever o seu fim. Eu creio que em Portugal não ha duas pessoas intelligentes que mantenham duvidas sobre o resultado de toda a desorganisação que por'hi lavra, estala e despedaça o esqueleto da nação.

Nós, os que ficamos a conversar, apoz o episodio, não as mantinhamos nem mantemos. Por isso nos riamos a bom rir dos Mariannos variados que occultamente gerem as administrações do paiz. Os ditos esfusiavam. Exaltarmo-nos? para quê?...

As ruas do velho burgo eram desertas, e da bruma fôscas dos cêos que a luz dos fôcos electricos a custo verrumava, cahia um ar gelado e humido sobre a cidade a dormir, invadindo as ruas tortuosas e estreitas onde na meia-sombra, as casas punham uma nota evocadora de outros remotos tempos... em que a *liberdade* ainda não vivia!

Alto, aquella aberta face tostada de homem da montanha, olhos rasgados e claros a derramar vida intensa sobre ella, o P.^o Julio Barroso a meu lado inquiria da politica do paiz...

E eu fui contando devagar, devagar, a historia d'uma crise sem remedio!

F. V.

Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

Viveremos...

À longe, no velho casarão que domina o extenso valle, que desce, em degraus de verdura, até ao rio, todas as noites, segundo velha e piedosa usança, a ultima donataria d'esse solar infanção, resa o terço com seus servidores. Adoravel, encantadora tradição, que alli se mantem immutavel, e que o desvario da epocha vae por outros lares, lentamente matando, como tantos outros adorabilissimos costumes, que um mau gosto sem limites, e uma impiedade sem defesa, aniquilou e subverteu. Bons, deliciosos tempos, que essas tradições piedosamente nos recordam,—visões fugidias de castellos e solares, negrejando no cimo das collinas á hora boa e religiosa de paz, em que cada alma murmura uma supplica e em cada lareira canta a chamma viva d'uma fogueira amiga. Bons, distantes e romanticos tempos, das encantadoras seroadas ao derredor do lume, onde velhas camilianas morgadas, de cabellos de prata, mãos fuzeladas de raça eleita, tremendo, cantando no oiro do linho, contavam aos netos, aos filhos, aos serviçaes, historias simples dos bons tempos da cavallaria, vidas de santos, casos singellos, onde sempre havia a luzerna tremula d'uma moral sã, e assim lentamente, iam formando essas almas, n'uma suave evangelisação de mãe extremosa, incutindo-lhe o amor da terra na lembrança da sua gloria; a perfeição da vida no exemplo dos santos; o caminho rasgado da existencia, na força dos conceitos. E a familia, estreitando-se unindo-se, n'essa existencia singella e amiga, transmitia-se, perpetuava-se nas suas glorias e nas suas bondades, através da voragem fugidia do tempo!

Assim pensava eu certa noite ouvindo aquelle rumorejar piedoso de resas, olhando ajoelhados deante d'um quadro antigo, donas e servidores, tocados da mesma fé, unidos pelo mesmo dever, n'aquella hora de devoção, esquecidas jerarchias e grandezas, todos abdicando de si proprios, para só em louvor e gloria de Deus, erguerem suas preces. E então eu sentia mais do que nunca, o encanto, a poesia, o poder sublime, dessa suave religião que é o unico sereno desafogo para a nossa alma desesperada, n'este incerto momento d'inquietações e de desditas.

Fez-se um curto silencio e logo uma voz se ergueu n'uma oração sentida por esta bôa terra de Portugal, tão grande na sua fé e na sua gloria como inditosa e despresada na sua desgraça tremenda! É a minha alma de portuguez, que para ella vive e que por tanto a amar, alguma coisa,—nada e muito,—já lhe sacrificou, enchia-se d'uma alegria enternecedora, a expansão d'aquella felicidade que faz nascer as lagrimas e seguia tremula e enternecida n'aquella prece que subia e echoava no ve ho salão do solar senhorial, como a voz estentoria da raça ou o gemer da nacionalidade em perigo. Era todo o passado epico e grandioso, com o seu esplendor e a sua magestade solemne, de seculos d'orgulho de victoria, esplendendo n'aquella voz supplicante e devota:

... *«Santa Maria sem peccado concebida, salvae Portugal, olhae por Portugal»* ... e todos, repetiam possuidos do mesmo sentimento d'intima fé:

«Salvae Portugal! Salvae Portugal!»

N'essa hora indescriptivel vi claramente o destino glorioso d'esta raça, sentia que não podia acabar terra de tanta grandesa e de tanta fé, que era inatacavel, indestructivel uma nacionalidade, que Deus não poderia abandonar, perante supplicas tão sinceras, e no negror incerto do presente, faiscavam restreas de luz purificadora, como um clarão do futuro, como o prenuncio d'uma madrugada esplendente! Não, não poderiamos morrer! De novo esta bôa terra de Santa Maria, havia de fruir horas da paz e da ventura, de novo o seu pendão glorioso se desfraldaria epico e triumphante, na magestade do sol, ressurgindo n'uma eclosão cyclopica de luz.

Não, não podia morrer quem no passado e no presente teve a luz da fé a guiar os seus passos, teve a vontade de Deus a ampara-lo, a conduzi-lo, no caminho aspero do triumpho,

«Salvae Portugal, olhae por Portugal» ... repetiam as vozes, tremulas, contritas e a minha alma novamente perguntava:

E havemos de morrer?!

Não, não morreremos que se outr'ora soubemos combater, hoje—Deus louvado—ainda sabemos resar.

Annos de velhos

(2.^a EDIÇÃO)

Umas regrinhas minúsculas (na materia e na fôrma, como lá dizem) aqui dadas com esta epigraphe, cuidava eu que ninguem teria visto; e não faltava razão para assim cuidar, pois das cousas mínimas não cura o prefor. Curou porém d'esta vez, e não só um, senão tres *pretiores*, se a conta não está errada. Do velho camarada veio uma cartinha, in 16.^o, toda lisura e bondade como de costume, a dizer cousas affinentes que faziam chorar por um dos olhos, rir pelo outro. E' dos meus, já o sabia.

Bom e leal amigo!

Tive depois umas *variações* da alta escola *sobre motivos* de senilidade, por mão de um concertista que sabe do seu officio; as quaes lampeiramente enxertei no meu thema, sem o dizer a ninguem.

Semper bene, mas não são as rugas o nosso mal, meu ou do meu companheiro. Esse é mal sómente para quem estremece a frescura da face, que os annos vão passando sem piedade.

De Roma mesmo, da velha Roma dos Petronios e quejandos peraltas, recebi uma curiosa e amavel missiva, que bem quizera aqui dar na integra, mas não pôde ser.

E ahí está como de nada pôde surdir alguma cousa, fóra do caso de geração-espontanea.

Não é um *incendio*, excitado por simples faulha, como dizia a regrinha de latim do nosso tempo: *Scintilla contempla* etc.; nem agora nem mais tarde, á mingua de combustível. Não haja, pois receio de conflagração.

Quem de Roma escreveu, não é romano senão portuguez, antigo alumno do seminario de Braga e agora academico de uma Universidade romana. E para mais dizer, não estou auctorisado.

Este contesta a *these* de que os *novos não conhecem nem vêem os velhos*, e para prova ahí está elle que viu, e de bem longe. Sim, em materia moral as proposições universaes soffrem excepções, e esta é das taes.

Bem o sabe quem alguns annos lidou com a mocidade das escolas, a ponto de não poder agora viajar incognito pela sua provincia.

Tinha copia de exemplos para guardar na memoria agradecida, de moços de rosto aberto e maneiras affectuosas, vindo ao encontro do velho para o saudar, e avivar lembranças do tempo escolar. Mocidade generosa, hoje enfileirada nas classes liberaes, de clérigos, officiaes do exercito, medicos, aduogados, engenheiros etc., mal sabem o puro prazer que assim derramam no coração do antigo mestre, que nem os conhecia já!

E' verdade isso, é; para honra da mocidade bem nascida e consolação dos velhos. Não tira porém á verdade da proposição, que não é accusação de ninguem, mas affirmacão de um facto perfeitamente natural.

Assim fez Deus o mundo; e o que Deus faz, bem feito é: Emquanto os moços lidam, sigam os velhos o seu caminho, olhos fitos no fim. Que d'esta fôrma todos andam, nem os velhos desandam.

Agora para confirmar o facto, aliás vulgar e comesinho, do que os velhos se vêem sós por via de regra, darei dois testemunhos, recolhidos pelo meu solicito correspondente romano.

Seja primeiro o do snr. Julio Dantas no fallecimento de Bulhão Pato:

«Não foi elle que envelheceu, foi o tempo que mudou transformando em volta d'elle tudo o que o rodeava. A Dolorosa impressão da velhice não vem da decrepitude,—sendo isolamento. Vivía entre nós e não nos conheceu; e elle mesmo era uma figura quasi desconhecida para nós, porque todo o mundo romantico havia passado.»

O outro é de um illustre e venerando sacerdote francez, Mgr. de Baunard, antigo Reitor do Instituto Catholico de Lille, alma de poeta e de Santo:

**Que fairai-je ici-bas? Etranger, solitaire.
Je suis une ombre errante au milieu des vivants,
Le siecle dont je fut, gêt tou entier sous terre,
Et je ne comprends plus la langue des passants.**

Fallêceu ha pouco, com 87 annos, na invasão da Champanha pelos allemães.

Portanto e o mais dos autos, ficarei na minha que é de velho e christão: *Não temos aqui sociedade permanente, mas vamos no alcance da futura.* (Ad Hebr. XIII, 14).

E visto termos entre mãos a 2.^a edição d'este *trabalho*, não virá fóra de proposito pretender que saia mais *correcta* senão *augmentada*.

Pelo que proponho que onde na 1.^a se lê: *terreno chão* da POESIA, se leia antes: *terreno chão* da PROSA, que é coisa algo differente, quanto ao risco de assentar mal o pé, e *outras cosas más*.

Mais abaixo: APARTA-SE o *horizonte pela frente*? Não, snr. não aparta tal; APERTAR é que é. Para os velhos o futuro é curva de raio cada vez menor, pois não é? Então *aperta-se* o horizonte da vida, longe de se *apartar*.

Item, no latímsinho de mestre Horacio saía no fim do verso um *DE puer*, que não é d'elle. *Se puer* é que ha-de ser, e no principio do verso seguinte, que é mais bonito,

Minucias sem importancia, dirão: mas para tão apilarada obra...

E acabou-se.

M. C.

DOLENCIAS D'ALMA

No anniversario

PELO P.^o GUILHERME D'OLIVEIRA.—Porto

... e não poder visitar
a tua eterna jazida!
Não poder eu ir chorar
duas lagrimas de vida
que te fossem resgatar!...

Um *De profundis* sentido,
ao passar pelo cypreste,
geme, vento, a meu pedido,
ainda que alguém te empreste
um alaúde partido!

... e não poder levar flores
ao teu jazigo sem ellas!
Contar-te os meus dissabores
d'esta vida sem estrellas
na treva das minhas dores!..

Veste, neve, a natureza
de branca sobrepeliz
a ver se ella tambem reza
como sei que reza o liz
a suspirar de tristeza.

... e não poder eu, sósinho
ir colher goivos nascidos
pelo cair do caminho!
Levar-t'os entretecidos
em perfumado raminho!...

A ver se ella, neste dia,
off'rece a hostia do sol
sobre a sua campa fria
ao surgir d'um arrebol
cheiinho de nostalgia!

... e não me poder joelhar
eu hoje no campo-santo,
sendo a tua campa altar
aonde todo o meu pranto
a Deus eu fosse offertar!...

Lirios rôxos, macerados,
oh! Thuribulos d'incenso,
deixae-vos ser embalados
n'aquelle incensar intenso
e que embalsamiza os prados!

Vae, ó brisa, lá chorar,
teu orvalho crystalino
por mim vae lá derramar,
pela manhã, quando o sino
por alma d'Elle dobrar!

De joelhos, arvoredo
sombrio do cemiterio,
levanta os braços e, quêdo,
medita n'este mysterio
de que Deus sabe o segredo.

O' aves psalmodiae
Requiescals sagrados
e, por mim, cantae, cantae
vossos threnos enlutados,
junto á campa de meu Pae!

Ai! junto ao coval e, assim,
um *Memento* lamuria,
aspergindo ahi, por mim,
d'agua-benta a lousa fria
com hysoppes d'alecrim!

E tu, vento, aquellas rosas
que desfolhar's hoje ainda
vae depôr-lh'as, olorosas,
e tornar-lhe a campa linda
n'estas horas piedosas.

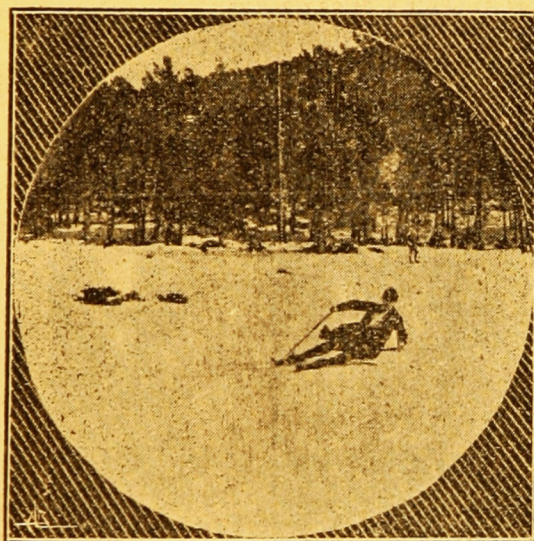
Ao cahir da tarde, então,
leiam todos no sol pôr
o *Dies irae* christão,
o *Dies irae* de dôr
que vae no meu coração!

Divertimentos do Inverno



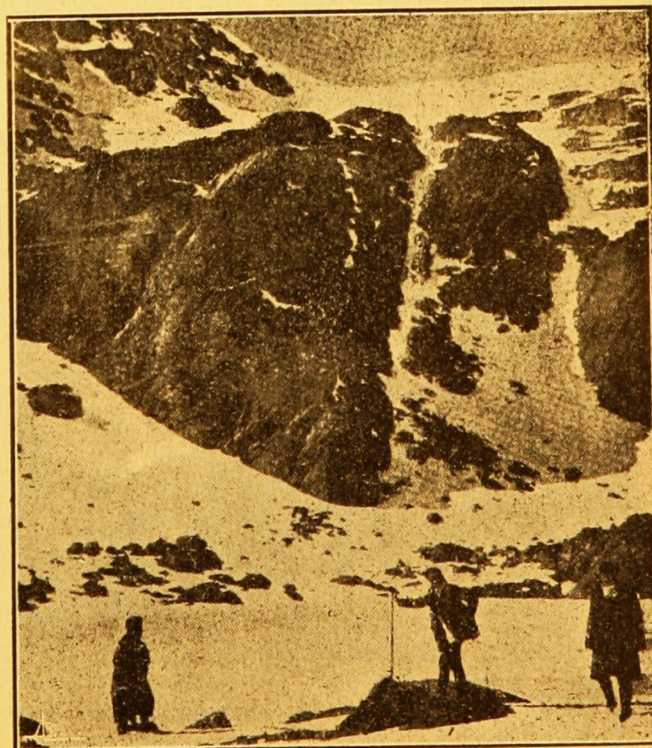
1—Os soberanos da Noruega patinando sobre o gelo.

2—Na Serra de Guadarrama Um patinador dando uma difficil volta:

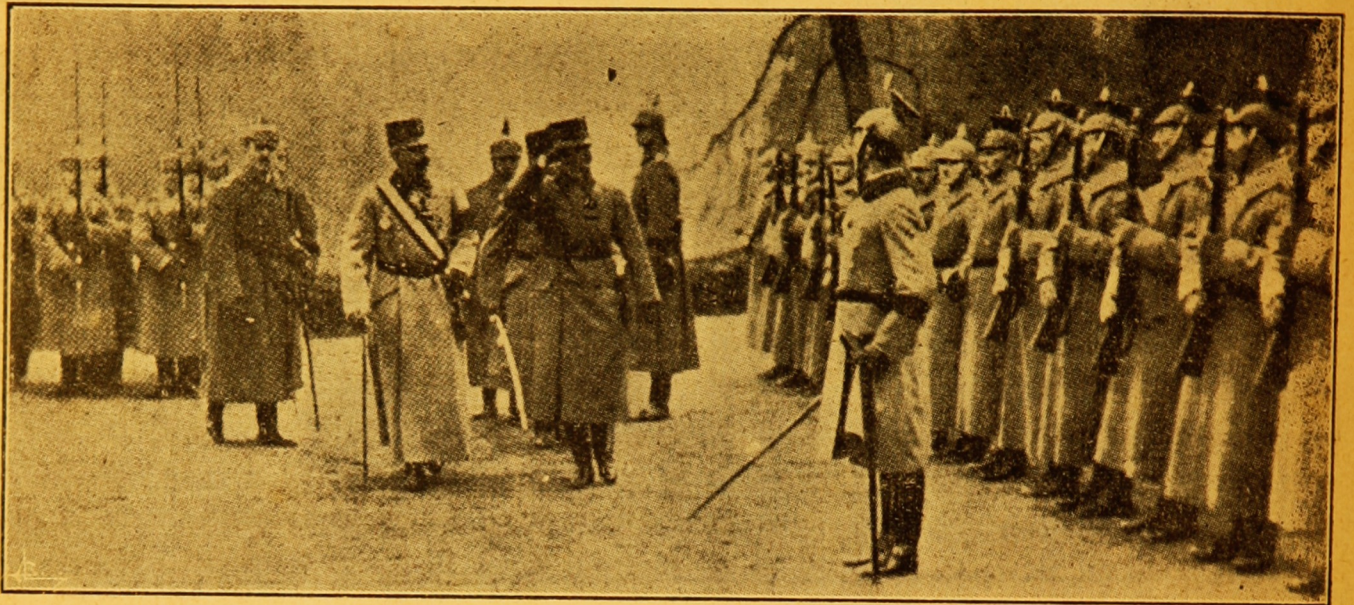


3—Guadarrama. Durante um passeio atravez da floresta.

4—Um speculo interessante da Serra de Guadarrama



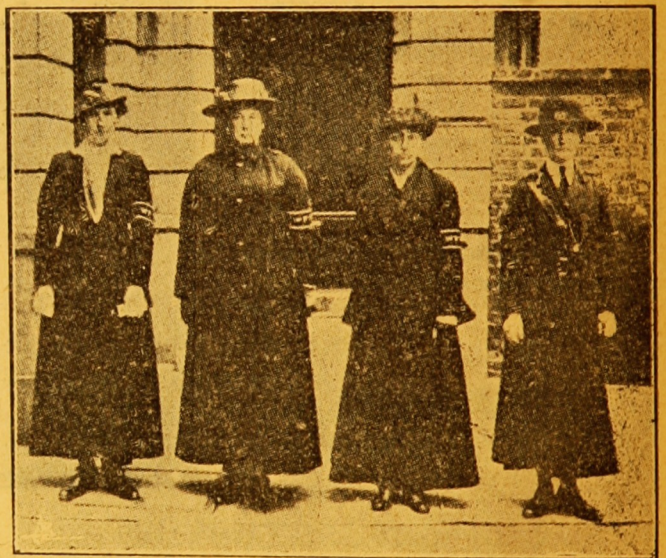
○ Página da Guerra Europeia ○



Os imperadores Guilherme da Alemanha (1) e Carlos da Austria-Hungria (2) durante uma visita ao quartel general-alemão



Quatro senhoras conductoras dos camiões da cruz vermelha inglesa com o seu novo fardamento



Quatro senhoras empregados no serviço de policia em Londres



As senhoras E. J. Smith e Markham manufacturando um desinfectante n'um laboratorio chimico em Londres



A senhora F. L. Stereuson secretaria de Lloyd George

Uma Pagina d'Arte

O beijo de Júdas

D'HÉBERT.

Depois da oração no *Horto das Oliveiras*, enquanto os discipulos dormem, Jesús, prepara-se para o grande sacrificio. Uma malta de judeus, conduzidos pelo traidôr, approxima-se... É o momento escolhido por Hébert, o Chopin da sua arte, como alguém lhe chamou, o pintôr das delicadas *morbidezzas*, para o seu glorioso quadro.

Jesus, vae ao encontro do alarido, que sóbe, rouquejante, das trevas... Então, Judas de Karioth poussa a sua mão de reptil sobre o hombro do mestre e beija-lhe a face, venenosamente...

Era o preço da traição.

A scena tem uma magestade simples e dramatica. O Nazareno está no meio dos bandidos sinistros. Sobre a Sua immaculada figúra de victima innocente quebra-se a luz, clara e crúa, duma lanterna de fogo...

A sua atitúde é um mixto de melancholia e dignidade, de compaixão e de repúlsa. Lê se-lhe no rôsto, macerado pelos jejuns e entristecido pelo abandono, o desejo fremente de sacrificar-se pelos peccadôres e de morrêr pelos humildes. E todavia na fronte cançada, que o clarão deixa na sombra, ha uma lividez inteiramente humana...

Sob a cúpula da folhagem vêrde-nêgra, clareando ao longe pela madrugada, o vulto de Christo sobresahe tragicamente, dolorosamente... É a verdadeira imagem do cordeiro entregue aos lôbos.

A sua túnica, transparente de luz — laranja ténue, rosa d'ouro e branco-azúl — dá-lhe, á Sua humilde e frágil estatúa, um não sei quê de leve appareção...

Rastejante como uma serpente, cingido como um reptil asquerôso, Judas de Karioth, o discipulo ingrato, beija o seu Divino Mestre...

Em roda tudo são visagens de bandidos, cujas *silhutas* convúlsas fazem resaltar ainda mais a plácida nobrêza de Jesús de Nazareth...

O *Beijo de Judá* sé infelizmente a única tentativa de Hébert na Arte-Christã. Durante algum tempo, depois que a sua alma impregnada de mysticismo creou esta maravilha, elle sentiu se cançado e incapaz de trabalhar. O esforço tinha sido grande, tanto sob o ponto de vista pictural, como sob o aspecto de visão religiosa.

Amigos intimos, poetas e pintôres, que consideravam o *Beijo de Judas* como a sua obra-prima, superior ás *Cervarolles*, não obstante a opinião em contrario de Théophile Gauthier, perguntaram-lhe o motivo porque não continuava naquella senda tão promettêdora.

Hébert, o amigo de Gonnod, outro grande artista religiôso, calava-se um instante, como quem medita em coisas serias e profundas. E depois, baixando os olhos cheios de ternúra, dizia simplesmente: *Je n'ai pas osé...*

MANOEL SEMBLANO

PALESTRAS DE ARTE CHRISZÃ

IV. Architectura—(noções geraes)

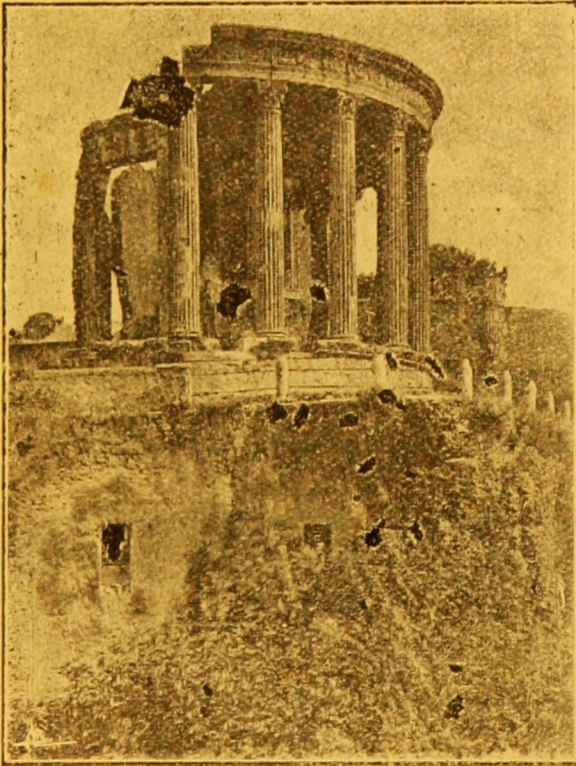
“A architectura, diz Lepare (*Arte Sacra* pg. 77) é a arte que nos edificios incarna a belleza da Sociabilidade humana. Esta revela-se nas tres grandes modalidades sociaes: a *familia*, o *estado*, a *religião*, ás quaes correspondem parallelamente, como expressões architecturaes a *casa*, o *palacio* e o *templo*. É pois que as formas sociaes maiores conteem em si outras subordinadas, o *municipio*, expressão da sociabilidade dos habitantes da mesma cidade, a *caserna*, symbolo da sociedade militar, as casas das corporações ou mestêres, o teatro, logar de recreio, o arco triumphal commemoração do povo victorioso

etc. etc. serão outras manifestações da architectura emquanto esta exprime grupos parciaes da sociedade civil. Apresentarão estas em si, traduzirão em pedra, as ideias que symbolisam.

A architectura religiosa nasceu da necessidade que sentem as sociedades religiosas de consagrar a Deus um lugar em que se prestasse o culto social ao creador de todas as coisas. Todas as nações antigas a tiveram, com suas características proprias e bem adequadas ao genero da religião professada. No oriente, em geral as formas massivas, gigantescas e escuras predominavam. Na Grecia nasceram as formas elegantes, ligeiras como os deuses do Olympo. No povo eleito, o templo de Jerusalem era a *casa de Deus*, o lugar onde Elle acceptava os sacrificios e ouvia com benignidade especial as orações dos fieis.

No Christianismo Deus feito Homem não limitou a Sua Séde a uma cidade só.

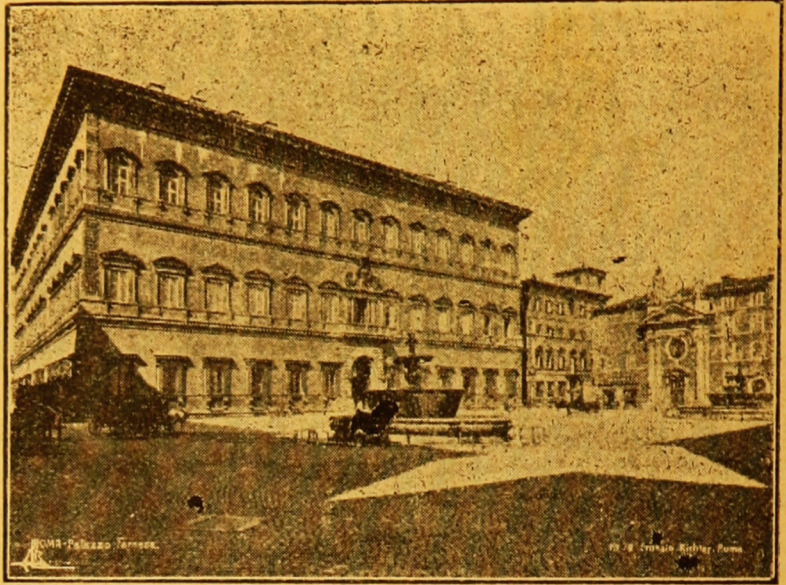
Tanto a basilica faustosa do Vaticano como a mais humilde capella de colmo, erguida pelo missionario nos sertões mais inhospitos, são templos Christãos. Mais ainda. Nestes templos, Deus não assiste sómente por uma presença invisivel como no alto das collinas sagradas, mas está real e verdadeiramente presente onde quer que se conserve a Sagrada Eucharistia. Tanto isto é verdade que não posso esquecer a sensação de deserto que sentia quando na Allemanha, Hollanda e Inglaterra visitei as egrejas usurpadas pelos protestantes. Eram como um anel de ouro, finalmente lavrado, a que houvessem tirado a pedra preciosa, eram uma cõrte esplendorosa, magnificente, onde faltava o Rei.



Templo de Vesta—Tivoli

ve exprimir a ideia divina da caridade para com o proximo pela abnegação heroica dos que se dedicam inteiramente ao bem dos pobres, ao allivio dos desamparados. A mão benéfica do fundador, quando este não se esconde por uma acrisolada modestia christã, aparecerá nestes edificios.

É esta ideia, toda christã, que ha de contra distinguir a nossa architectura da pagã. A esta se hão de pedir os elementos classicos, que depois de purificados, depois de soffrerem modificações variadas, devem exprimir a ideia christã. Sem ella haverá salões e vivendas, monumentos e palacios, mas muito distantes do que deve ser a Architectura Christã.



Roma.—Palacio Farnese

Considerado como o mais perfeito modelo de architectura do renascimento

O templo pertence á comunidade christã; acompanha pois o estado material desta, tanto mais rico e grandioso quanto esta crescer em meios e poder. É *casa de oração*, do sacrificio liturgico. Tudo nella hade conspirar para o fraduzir. É sobretudo morada de Deus, o mais digno edificio do povo christão.

Ao templo se ligam os baptisterios, os consignatorios (logares onde se chismava) as torres e campanarios, sentinelas e vozes respectivamente da casa de Deus.

Logo apoz o templo vem a necropole christã. O cemiterio conserva até o dia da resurreição os corpos dos fieis, esses corpos que foram templos vivos do Espirito Santo, corpos que muitas vezes foram sacrificados para defender e testemunhar a fé. A necropole é consagrada pelas reliquias dos martyres, dos confessores, das virgens. Sobre o tumulo desses heroes muitas vezes se hão de erguer as basilicas christãs. Entre elles que no *dormitorio* (esta é a significação real da palavra *coemeterium*) esperam o premio dos seus combates e os que na terra luctam por as imitar há uma união infima da mesma fé, da mesma esperança, da mesma caridade. Isto indicam os epitaphios, as pinturas, os ornamentos e a propria estructura cemiterial.

Seguem-se os edificios destinados a acolher as pessoas consagradas a Deus, os christãos que abandonaram o mundo para procurarem uma união maior com Deus por uma vida de oração, penitencia e trabalho: os conventos ou mosteiros religiosos. Nelles ha de aparecer a ideia do cenobitismo: casa de Deus, casa duma comunidade religiosa.

Finalmente os asylos, hospitaes, gafarias, orphanatos, toda essa flora nascida da caridade christã, de-

Monte Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

© clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguinte documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (palavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga deve dirigir-se ao Rev. Padre Antonio José de Carvalho, residente na rua de Santa Margarida, 9, em Braga, ou ao Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monsão; ambos são socios correspondentes do Monte Pio.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero

A. de Menezes

MANUAL DAS FILHAS DE MARIA (Congregações marianas)

Preços:—Encadernado em carneira, 490; em chagrin, corte doirado, 540 réis.

MANUAL DOS CONGREGADOS DE N. SENHORA

Preços:—Encadernado em percalina, 440; em carneira, 490; em chagrin, corte doirado, 540 réis.

Novas edições, feitas por A. de Menezes, em harmonia com as ultimas regras publicadas.

Franco de porte. Para registo, mais 50 réis por pacote. Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia devem ser feitos a ANTONIO GOMES PEREIRA, Calle San Telmo, 21—**TUY**.

BRAGA—Na administração da «Illustração Catholica» rua dos Martyres da Republica.

NO PORTO—Joaquim da Silva e Melo & C.^ª—rua do Corpo da Guarda, 19 a 21.

Arte e Religião

Officinas de esculptura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

PORTO

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encomendas para as Provincias, Ilhas, Ultramar e Brazil.

Preços e todas as informações

Pereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

Almanaque de Santo Antonio (Para 1917)

Está publicado este excellente ALMANAQUE.

A' venda nas principaes livrarias e na administração do BOLETIM MENSAL

BRAGA

PREÇOS Brochado, 250
Cartonado, 320

TEIXEIRA DE ANDRADE

Professor da Escola Academica

Rua de S. Marcos, 46

Ensina linguas para o Lyceu.

Escola Normal e Commercio.

Escriptorio de Negocios Ecclesisticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis encarrega se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos. e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos «Echos do Minho», e officina de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^e Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA